



Diego Soares. Carioca nascido em 1981 no bairro "Imperial" de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Aluno do curso de Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O autor tem como ponto de partida em sua carreira literária, o livro "Um Dia de Chuva". E no prélo, "O Reino de Bimbuê".

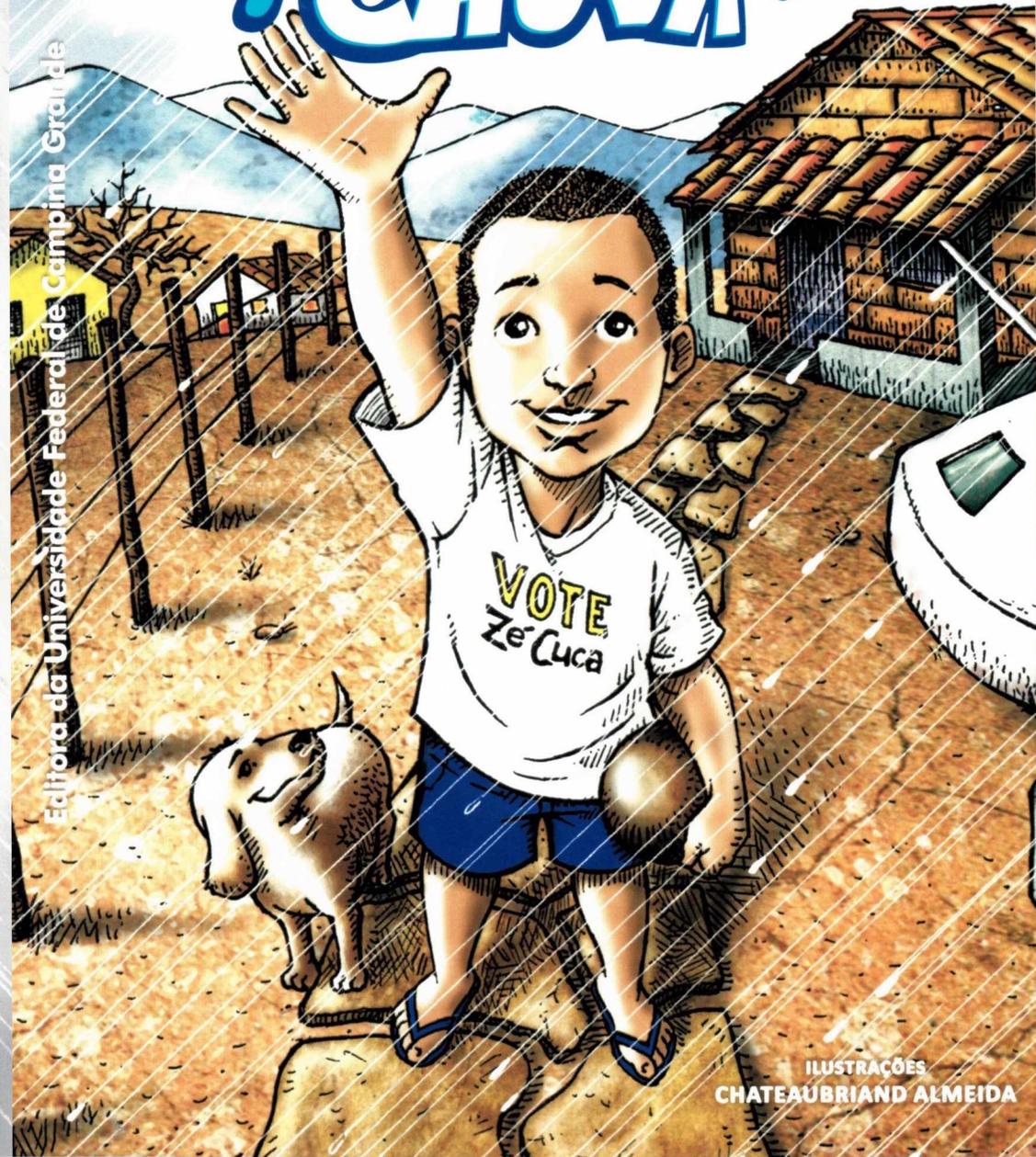


Chateaubriand Almeida é paraibano e natural de Patos, cidade do interior do estado. É graduando do curso de Arte e Mídia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), desde 2008. Da paixão por cinema, quadrinhos e animação, nasceu sua carreira de ilustrador freelancer, onde fez trabalhos para publicidade, jornais e outros meios. "Um Dia de Chuva", foi seu primeiro trabalho com livros infantis.

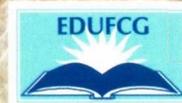
DIEGO SOARES

Um Dia de Chuva

Editora da Universidade Federal de Campina Grande



ILUSTRAÇÕES
CHATEAUBRIAND ALMEIDA



"Os dois meninos protagonistas do livro representam aquilo que somos. Assim funciona a verdadeira literatura: é um espelho da verdade. Assim procede um autêntico escritor: é um tradutor do mundo."

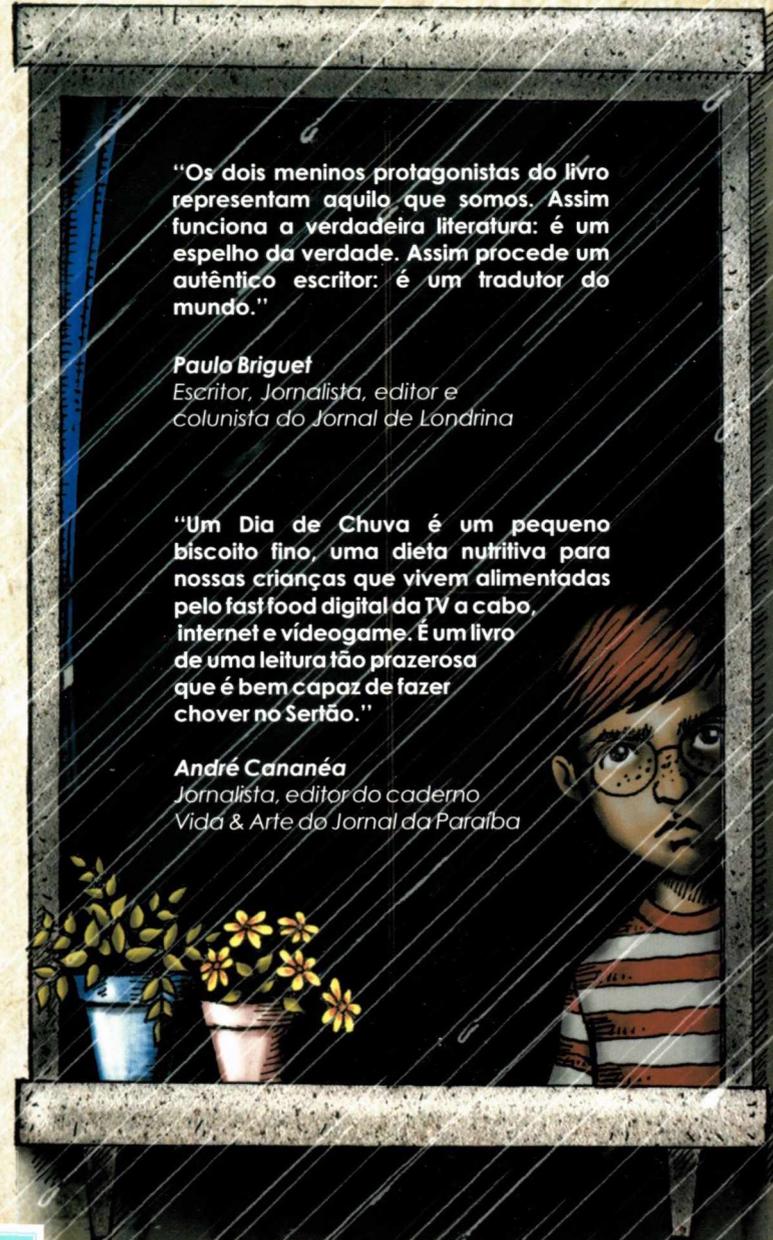
Paulo Briguei

Escritor, Jornalista, editor e colunista do Jornal de Londrina

"Um Dia de Chuva é um pequeno biscoito fino, uma dieta nutritiva para nossas crianças que vivem alimentadas pelo fast food digital da TV a cabo, internet e videogame. É um livro de uma leitura tão prazerosa que é bem capaz de fazer chover no Sertão."

André Cananéa

Jornalista, editor do caderno Vida & Arte do Jornal da Paraíba



O livro "Um Dia de Chuva", tem por objetivo mostrar como se comportam dois meninos de estilos de vida diferentes. Um mora em uma cidade grande da região Sul do Brasil, o outro numa pequena cidade da região setentrional do Nordeste brasileiro. O que os tornam diferentes é o estilo de vida de cada um, a alegria e a espontaneidade, o amor pela natureza e pela simplicidade.

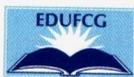
A cidade grande fez com que João D'Lucas se tornasse maduro precocemente, pois as suas atitudes, as vezes não são mais de um garoto de onze anos, enquanto isso, João da Silva, apesar das dificuldades é um menino que vive a infância.

Francisco Rolim

DIEGO SOARES

**Um Dia de
CHUVA**

1ª Edição



Editora da Universidade Federal de Campina Grande

**Campina Grande
2010**

Revisão
Francisco Rolim

Capa
Chateaubriand Almeida

Impressão
F&A Gráfica e Editora Ltda

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

Um dia de chuva / Diego Silva Soares. – Campina Grande.

EDUFCG, 2010.

ISBN 978-85-8001-007-7

1. Literatura Brasileira. – Infanto-juvenil. 2. Chuva.
3. Regiões. 4. Lados opostos. 5. Culturas. 6. Classe-Social.
I. SOARES, Diego Silva. II. Título.

Agradecimentos

A minha querida família.

A meu pai (in memória); A minha mãe; As minhas irmãs, sobrinhos e sobrinha.

Ao meu amigo e tio “Zeca” (José Vilarim).

Aos companheiros literários: Matheus Soares, Prof. Dílson Catarino, Paulo Briguet, André Cananéa, Ricardo Desidério, Prof. Clarindo, Francisco Rolim e a Chateaubriand Almeida.

Aos amigos (as) Paulo Cirne, Dagoberto Génesio, Eder Alencar, Klêicia Simone, Fátima França, Fábio Francisco, Andréa Cristina, Willyan D’Angelis, Edissa Regada, Tiago Santos e todos do dia-a-dia e da universidade.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para com este trabalho.

Dedico à memória dos “pés vermelhos” de Londrina, Paraná e aos “caririzeiros” de Cabaceiras, Paraíba.

Apresentação

Caro leitor (a), este livro tem por objetivo mostrar como pensam, como se comportam, qual a importância, **vivência** e a visão de duas crianças de regiões diferentes de um mesmo país (Brasil), sobre um dia de chuva. Além disso, serão **explicitadas** suas condições sociais, bem como: suas culturas, e nível de educação.

Procuramos **desmistificar** o preconceito que muitos querem, **veladamente**, que haja com relação aos falares dos nordestinos e de alguns habitantes do interior da região sul do Brasil. Sendo nossa pátria um país continental e de **migração** intensa não poderíamos falar todos iguais. Não queremos ser pejorativos em relação aos personagens e nem a qualquer cidade citada no texto. Pois o livro trata de duas geografias e inocências diferentes. Enfatizaremos, apenas, o contraste visível do modo de vida, educação e coisas que cotidianamente acontecem com ambos os meninos.

Por fim, se não houvesse e/ou não existissem diferenças de personalidades entre os seres humanos, este livro não teria sentido, falar-se-ia da história de dois robôs em um dia de chuva, e não de duas crianças!

No final deste livro, você encontrará um “**Glossário**” cujo objetivo é esclarecer o significado de algumas palavras usadas no livro que podem não fazer parte do **vocabulário** do leitor. – Tais palavras estão escritas em negrito como vem acontecendo nesta apresentação.

Desde já, desejo-lhe uma boa leitura!

O ofício das palavras

Numa tarde chuvosa, estava eu na redação do jornal em que trabalho, em Londrina, quando fui procurado por um rapaz muito gentil e cheio de ideias. Trazia na pasta os originais de alguns textos seus – inclusive o início de uma narrativa autobiográfica. Pedia avaliação e opinião sincera. Mesmo não sendo a pessoa indicada para isso, li os textos com atenção e prazer.

Quem conhecer o trabalho de Diego Soares logo notará o seu profundo amor pela literatura. Naqueles primeiros esboços ficcionais, pude perceber as marcas de um talento para o ofício das palavras.

Agora, o leitor tem em mãos o livro “Um Dia de Chuva”, estreia editorial do jovem Diego Soares. Um livro direcionado não apenas às crianças, mas a todos aqueles que ainda acreditam na imaginação, na sensibilidade e na inteligência.

Os dois meninos protagonistas do livro representam aquilo que somos. Assim funciona a verdadeira literatura: é um espelho da verdade. Assim procede um autêntico escritor: é um tradutor do mundo.

Não por acaso, estava chovendo naquela tarde em que Diego Soares me procurou no jornal. Era um bom presságio.

Paulo Briguet

Escritor, Jornalista, editor e colunista do Jornal de Londrina

Vou Confessar

Tem uma brincadeira no Twitter que se chama #vouconfessarque. E aqui, vou confessar que demorei muito para ler o livro do Diego. Mas quando o fiz, num domingo desses de inverno – que inverno, daqui de onde estou, no litoral da Paraíba, em João Pessoa, não passa de uma chuva de vento a refrescar as noites quentes do Nordeste - fiz num deleite que poucos livros desse gênero poderiam me proporcionar.

Com rara sensibilidade, domínio de conteúdo e uma direção apurada, Diego Soares – Carioca que atualmente reside em Campina Grande –, a quem até hoje conheço apenas por um ou outro e-mail e uns três telefonemas, convidando-me para escrever esta apresentação, vai buscar em extremos – Paraná e Paraíba – um ponto de vista genuinamente único através de dois personagens bem diferentes.

Ao embarcar na história do João de lá, e do João de cá, vestindo-os intencionalmente de estereótipos, Diego dá uma lição importante: todos nós somos iguais, por mais que tenhamos formações bastante distintas e maneiras diferentes de ver a vida. Somos todos João, todos Maria, todos Diego em nosso estado mais puro.

Um Dia de Chuva é um pequeno biscoito fino, uma dieta nutritiva para nossas crianças que vivem alimentadas pelo fast food digital da TV a cabo, internet e videogame. É um livro de uma leitura tão prazerosa que é bem capaz de fazer chover no Sertão.

André Cananéa

Jornalista, editor do caderno Vida & Arte do Jornal da Paraíba

Sumário

Prefácio: 11

Livro Um:

O dia de chuva em Londrina: 15 - 25

Livro Dois:

O dia de chuva em Cabaceiras: 29 - 40

Epílogo: 41

Glossário: 43 - 52

Prefácio

São Paulo, 27 de Maio de 2009.

Horário: 09h: 07min.

Olá! Sou Estevão Muniz, sou sociólogo e escritor. Foi por causa das minhas profissões que resolvi pesquisar e narrar neste livro a vida de dois meninos de duas regiões dessemelhantes, de classes-sociais, comportamentos e de hábitos muitos diferentes um do outro, em um dia de chuva.

A partir de agora, apresento-lhes, os dois meninos chamados de: “João”. O João D’ Lucas, de Londrina, Paraná; e o João da Silva, de Cabaceiras, Paraíba.

Será **óbvio**, que nossa história, decorrerá em dias **alternados**. Pois não posso estar em dois lugares diferentes, ao mesmo tempo. Por isso, escolhi primeiro narrar à história do João D’ Lucas. Depois, falaremos da história de João da Silva.

Convido-lhes a viajar comigo neste livro, primeiro a região Sul do Brasil. Depois, embarcaremos nesta viagem com destino ao Nordeste brasileiro.

Livro Um
O dia de chuva em Londrina.

Londrina, 12 de Março de 2009.

Horário: 16h: 38min.

Agora encontro-me confortavelmente, sentado em uma poltrona da sala de estar do apartamento onde mora o João D' Lucas. Ele está a minha frente, sentado no sofá. Estamos prontos para começarmos com a nossa entrevista e pesquisa.

- Podemos começar João?

- Sim! Na hora em que o senhor se sentir a vontade.

Rapidamente comprovei que João D' Lucas era uma criança muito bem educada e **instruída**.

- Então vamos começar com você falando um pouco da sua cidade.

- A cidade onde moro, chama-se Londrina. Fica situada no Norte do Estado do Paraná. Antigamente, Londrina era conhecida como a “Cidade do Café”. Hoje... ela pode ser definida como um pólo-industrial. É a terceira maior cidade da região Sul do Brasil. Menor apenas que Curitiba e Porto Alegre. Talvez, seja por isso, que nós a denominamos de “A Capital do Interior”. Por ser grande, de certo modo rica e desenvolvida!

- João, foi muito boa a sua **descrição**! Você conhece muito bem a história da sua cidade. Parabéns!

Mãe e filho sorriram com **vaidade** pelo elogio que eu acabara de fazer a João D' Lucas, sobre sua descrição da cidade.

- Você gosta de morar em Londrina?

- Sim! – Ele respondia-me com **veemência**.

- E o quê você mais gosta de fazer?



- Ah! É tão difícil escolher a coisa que mais gosto de fazer.

- Por quê? – Eu insisti na pergunta.

- Porque são muitas as coisas que gosto de fazer!

- Classifique-as para mim! – Continuei insistindo. Pois queria saber como era o dia-a-dia de João D’ Lucas.

- Gosto de ir para a escola de manhã, jogar futebol no clube onde meu pai é sócio, jogar vídeo-game, passear no shopping, assistir “dvd”, ler e fazer inúmeras outras coisas.

- Mas que coisas?

- Coisas que crianças fazem todos os dias. Coisas normais!
Do **cotidiano** das crianças!

Quando João D’ Lucas falou “Do Cotidiano”, achei incrível! Pois de certo modo, ele usava com facilidade extraordinária a linguagem culta, ou seja, a língua portuguesa.

- Interessante João! Você realmente gosta de diversos passatempos. E, até mesmo, de fazer as suas obrigações. Como ir à escola! Mas você realmente acha que todas as crianças, fazem exatamente as mesmas coisas que você faz durante o seu dia? Ou como você mesmo definiu. “Do Cotidiano”.

- Sim senhor! Porque todas as crianças são iguais.

Olhei bem para o rosto daquele menino **esbranquiçado** e **esguio**. Mirei-o por alguns segundos, **radiografei** o seu interior a procura do verdadeiro João D’ Lucas. **Adentrei** como um **gurupi** em suas **entranhas**, nas mais secretas. Afim de, encontrar algo **alheio**. De repente, esbarraria com a verdadeira **personalidade** de João D’ Lucas. Poder confrontar essa dubiedade seria fantástico. O que ele tentava **ocultar** de mim? Entretanto, notei que ele realmente era aquela criança que estava sentada ali, a minha frente. A surpreender-me com a sua inteligência e **sagacidade**. Era aquilo mesmo que meus olhos estavam presenciando. Uma criança fora do normal. Mas que ainda no seu interior, por mínimo que fosse, existia uma criança

igual a qualquer outra. Ingênua! **Óbvia** foi à resposta dada por ele. Achava que todas as crianças possuíam o seu mesmíssimo cotidiano de vida.

- Agora diga para mim. Quantos anos você tem?

- Onze anos!

- Você sabe o motivo pelo qual estou aqui?

- Sim senhor! É para conversarmos sobre um dia de chuva.

- Exatamente isso! – Eu resumi qual seria a minha tarefa naquele dia.

- Então por que o senhor não começa a falar sobre o assunto?

- Sim! Falaremos a partir de agora. Mas antes você não quer abrir as persianas da janela?

A mãe de João D' Lucas, pedia para a empregada abrir as persianas da janela do apartamento.

- Nossa! Olha que chuva! – Eu disse.

- Muita, não é mesmo?

- Sim! - Eu tive que concordar com ele. Pois, realmente, a chuva que caía do lado de fora da janela de vidro, era **caudal**.

- João, diga-me o que representa um dia de chuva para você.

- Chato!

- Nossa! Sem meias-palavras e instantaneamente, você me diz que um dia de chuva é chato? – Eu me espantava com a resposta imediata dele.

- É! Pois no dia de chuva, não posso fazer nada!

- Por que o dia de chuva o impede de fazer algo?

- Porque me deixa como um prisioneiro! Não posso fazer nada! Hoje mesmo, minha mãe achou melhor não me mandar à escola; não pude ir ao clube jogar bola com meus amigos; minha mãe não me deixa usar o computador e muito menos jogar vídeo-game. Por isso, gostaria que nunca mais chovesse!

Um dia de chuva

- Mas tem que chover João! Os fazendeiros precisam de chuvas para as suas plantações. Precisa-se da chuva para encher os rios que abastecem as nossas casas. Enfim, é preciso que chova para que haja vida! Para que assim, possa continuar o **ciclo** da vida aqui no nosso planeta terra. A chuva é importante! – Ele não gostou muito da minha explicação sobre a importância da chuva para nossas vidas.

- Então! O senhor não acha que deveria chover somente nos lugares onde fosse necessário?

Achei melhor mudar o rumo da conversa. Até porque, a mãe de João D' Lucas estava-me ajudando a **ênfatizar** a importância que a chuva possuía para todo o **ecossistema** do planeta. Porém ele estava bem decidido quanto as suas ideias. De certo modo, apesar de ser uma **ideologia** de criança, eu a interpretava como **egoísta**. Pois ele se preocupava apenas com o seu bem estar.

Contudo, eu não estava ali para julgar os pensamentos de ninguém! Mas apenas, para obter informações sobre a pesquisa que estava fazendo.

- Mas por que sua mãe não deixou você fazer essas coisas?
- Fiz essa nova pergunta, para sairmos do debate que havíamos entrado anteriormente.

- Porque a chuva veio em forma de temporal. Estava relampejando desde o início do dia e minha mãe achou melhor não me mandar para a escola, não posso brincar com nada que utilize a eletricidade.

- Não tem outras brincadeiras que você conheça que não utilizem a eletricidade?

- Tem!

- Quais?



Um dia de chuva

- Jogos de tabuleiros, dominó, cartas, vários outros.
- E por que não brincar com eles?
- Porque são jogos para brincar com mais de uma pessoa!
- Você se sente solitário?
- Nos dias de chuva sim!
- Já pensou em brincar na chuva?
- Em **hipótese** nenhuma! Minha mãe jamais me deixaria

fazer isso! Eu pegaria resfriado e ficaria de cama. Brincar na chuva é como chupar massa no frio. Nunca acontece!

- Desculpe-me! Mas percebi que você usou uma palavra cujo significado é típico da região. O que significa isso?

- Chupar massa?

- Isso!

- É chupar sorvete! – A mãe exclamou do outro lado.

- Está bom! Já percebi que o seu dia ideal é um dia bem ensolarado.

João D' Lucas concordava comigo a respeito do comentário que fiz sobre o seu dia ideal. Que seria bem ensolarado.

- Diga-me uma coisa. O quê você quer ser quando crescer?

- Ainda não me decidi! Mas, quero ir para uma faculdade no **exterior**. De preferência, em um país que fale o idioma inglês.

- Você gosta da língua inglesa?

Ele sorriu para mim, com um sorriso **desdenhoso**.

- Eu falo de certa forma muito bem o inglês.

- Com onze anos?

Ele observou bem o meu espanto.

- Yes! You to see some problem? (Sim! O senhor ver algum problema?)

- By no mean! (De modo algum!) – Eu disse em um Inglês meio enferrujado.

Um dia de chuva em Londrina

Observei e anotei o comportamento do João D' Lucas. Um menino muito educado e de certo modo, extremamente **culto** para sua idade. Fazendo com que eu desconfiasse de tudo o que ele respondia. Parecia **premeditado!** Era como se ele soubesse as perguntas que seriam feitas por mim, e assim, estudasse as respostas antes mesmo de as perguntas serem feitas.

Depois fitei bem aqueles olhos castanho-claros. Embora fossem cor de mel, parecia que o dia chuvoso, deixavam-nos **turvos**. Não tinha nenhum brilho naqueles olhos infantis. Eram negros de luto. Seu luto era evidente. Era o dia de chuva que os faziam!

Senti-me estranho dialogando com João D' Lucas. Ele aparentava ter mais de quinze anos de idade. Possuía respostas concretas e imediatas para as minhas perguntas. Era sincero em suas respostas e muito frio em relação ao dia de chuva.

A partir daí, fiz-me a seguinte indagação: “Será que a mãe de João D' Lucas ensaiou as possíveis perguntas e consequentemente as respostas antes de eu chegar?”.

Essa seria a pergunta que por delicadeza não a faria.

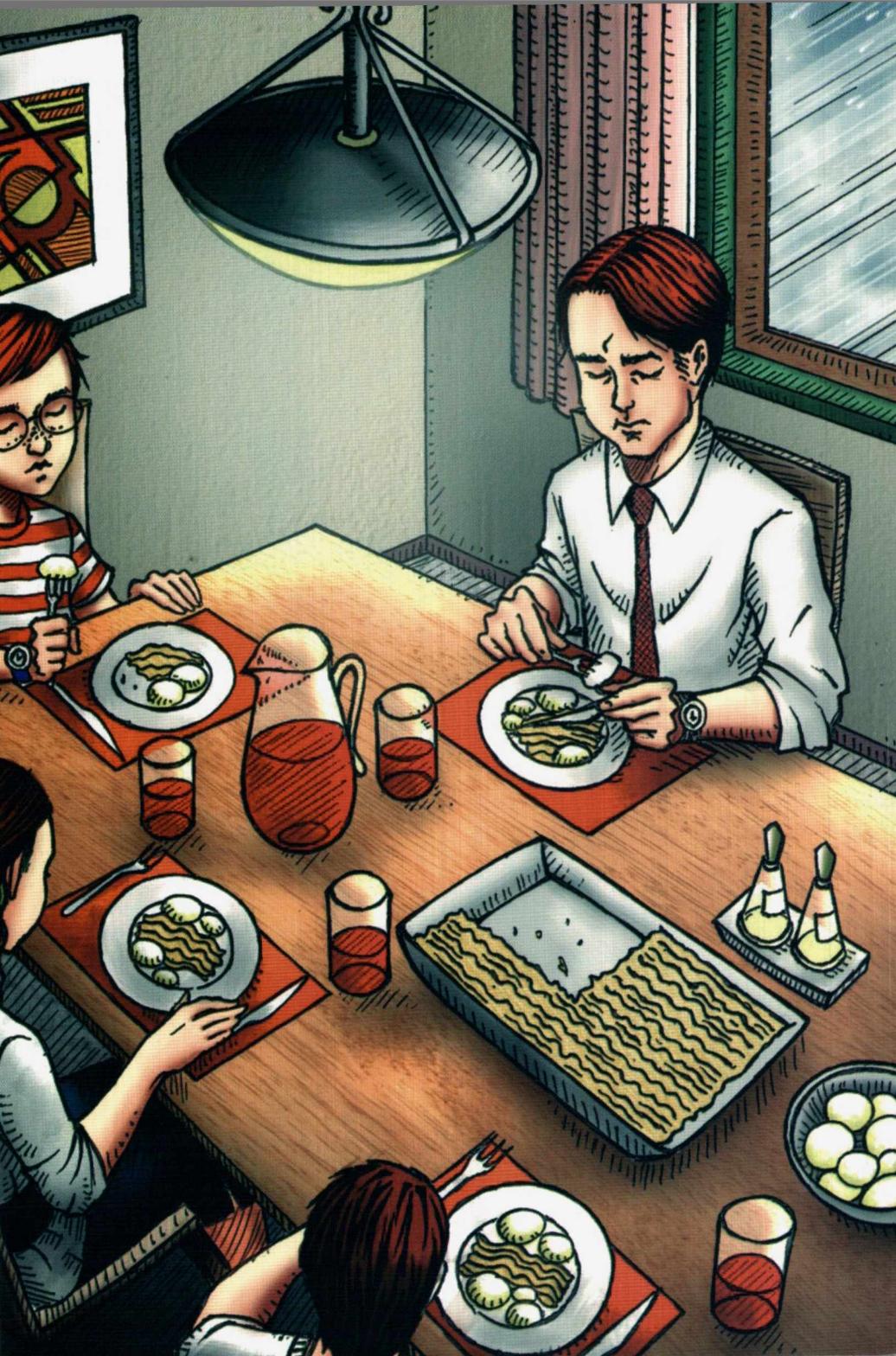
Por outro lado, João D' Lucas era uma criança inteligente. Deveria possuir um “**QI**” muito elevado.

Era verdade! João D' Lucas talvez não tivesse ensaiado as possíveis perguntas e respostas. Ele era realmente aquele menino de onze anos de idade que estava em minha frente. E que me **constrangia** pela sua **perspicácia**.

- Jantas conosco? – Perguntou a mãe dele.

Sentei-me à mesa. Falávamos mais um pouquinho sobre a chuva enquanto comíamos. Nada anotei de importante enquanto conversávamos à mesa! Pois realmente, João D' Lucas, não gostava do dia de chuva.

Estava claro o suficiente, que ele preferia um “Belo dia de sol”. Como ele mesmo já afirmara.



Às 22h: 00, eu me despedia de João D' Lucas e de sua família. Fui para o aeroporto da cidade de Londrina, peguei um voo de retorno para casa. Tirei alguns dias exclusivamente para narrar, neste livro, tudo o que presenciei na minha curta permanência na casa de João D' Lucas. Embora quisesse, algumas vezes, citar algo de extraordinário do dia de chuva desse menino, nada encontrei para narrar. Apenas as próprias histórias que ele me contou. Nada pude completar! Mas pensei. “Eu sou um escritor a escrever um livro. Posso dar vida e **enredo** para a história desse menino. Não preciso ficar preso ao verdadeiro comportamento de João D' Lucas; **introspectivo** e distante. Posso fazê-lo um pouco mais criança. Menos robotizado! Bem mais infantil! Desfazer a imagem dele de **robô**, como ele aparenta ser!”. Mas percebi, também, que, acima de tudo, eu era um sociólogo estudando o comportamento de duas crianças em um dia de chuva. Resolvi assim, ser totalmente **coerente** na minha narração. Eu era um sociólogo que pesquisava e um escritor que, apenas, escrevia o que o sociólogo narrava.

Enfim! A conclusão a que cheguei fora de que um dia de chuva jamais deveria existir na vida de João D' Lucas.



Livro Dois
O dia de chuva em Cabaceiras

Cabaceiras, 21 de Maio de 2009.

Horário: 15h: 46min.

Como prometido, agora é a vez de conhecermos o outro João. O João da Silva. Morador de um sítio nas proximidades da cidade de Cabaceiras, no cariri paraibano.

- Olá João! – Eu começava como a entrevista e pesquisa.

- Oi seu caba.

Eu sorri discretamente com a informalidade no uso da linguagem. Bem original!

- João, o quê significa “Seu Caba”?

- Oxê! Seu caba é o senhor *homi*!

Logo entendi que o uso da palavra “Caba”, é a forma como quase todas as pessoas dessa região – **Cariri** – e de outras na Paraíba, se tratam e que significa ou pode ter o mesmo significado de indivíduo. Servia para eu me identificar.

- Vamos começar?

- Mais *bichim*! Bem pensei que a gente já tinha começado!

Era engraçado o sotaque dele e as formas linguística por ele empregado. São as **diversidades** de falares deste país continental de que já falamos. Porém, não poderia por **hipótese** alguma, sorrir do jeito de falar e do sotaque dele. Pois ele poderia se sentir constrangido. Eu não estava ali para constrangê-lo! Por outro lado, ele sorria abertamente do meu sotaque de paulistano. Parecia se divertir com o meu jeito de falar.

- Começar, nós já começamos.

- *Intão?*

Um dia de chuva em Cabaceiras

- Primeiro João, estávamos nos apresentando para os nossos leitores. Uma **introdução!**

Ele ficou me olhando com um olhar **dúbio**. Porém ficou somente nisso.

- Conte para mim, um pouquinho sobre a sua cidade.

- Seu *Estevan*, Cabaceiras é uma cidade boa! Gosto muito da minha cidade. Muitos filmes brasileiros foram feitos aqui. Aqui tem a festa do bode rei, uma das mais importantes da região, com um artesanato todo feito de couros de bodes e cabras. Tem, também, a corrida de fórmula bode. A cidade é conhecida como a que menos chove no Brasil, apesar de ficar perto do açude de Boqueirão. Um dos maiores do Nordeste! Tem ano que nem chove! – Foi deste modo que ele descreveu, para mim, com certo ar de orgulho, a cidade de Cabaceiras. Falou, inclusive, de um morador (Chiquinho) que fizera algumas participações como figurante em filmes. Ficava claro, que Cabaceiras era a Hollywood brasileira.

- É por causa da chuva que estou aqui! A previsão do tempo indica que hoje cairá chuva em Cabaceiras.

- Vixi! Chove nada! Quase sempre é assim. Parece que vai chover, mais não chove!

- Mas vai chover João! A meteorologia deu mais de 95% de possibilidades de chover hoje.

- Mais será que Deus manda essa chuva mesmo?

“Deus”. Pensei **silente** no meu íntimo. Um **aspecto** de fé e de esperança.

- Vamos torcer para que ele mande! – Disse-lhe.

- Mas me fale como é o seu dia aqui em Cabaceiras?

- *Homi*, é de muito trabalho! Acordo às 06h: 00 e ajudo painho nas plantações de milho, de **palma** e na cata da **bage** de **algaroba** e nas tarefas de cuidar das cabras e dos bodes. Quase sempre, à tarde, vou pra rua vender as **tapiocas** que mainha faz.

E de noite, fico na praça com meus amigos. É massa, a praça aqui de noite. A vida daqui é bem diferente da vida que os outros meninos da cidade grande leva.

Ao contrário de João D' Lucas, João da Silva se apresentava para mim, como uma criança verdadeira, transparente e sem maquiagem! Que se confundi ao falar e no uso culto da língua portuguesa. Entretanto, ele sabia muito bem diferenciar o cotidiano da criançada da cidade pequena, do interior e o da cidade grande.

- João, há algumas palavras usadas por você que não são do uso de muitas pessoas de fora de Cabaceiras. São elas: "Painho", "Mainha" e "Massa". Explique para mim, os significados de cada uma delas!

- Ôxe seu caba! Painho é painho! E mainha é mainha! O que eu tenho que explicar?

Eu sorri com a espontaneidade de João da Silva.

Para que o texto não fique **vago**, dou-lhes os significados das palavras.

1. Painho: Igual a Pai;
2. Mainha: Igual à Mãe,
3. Massa: Neste caso, termo usado para definir uma coisa boa, legal, espetacular, engraçada, divertida entre tantos mais.

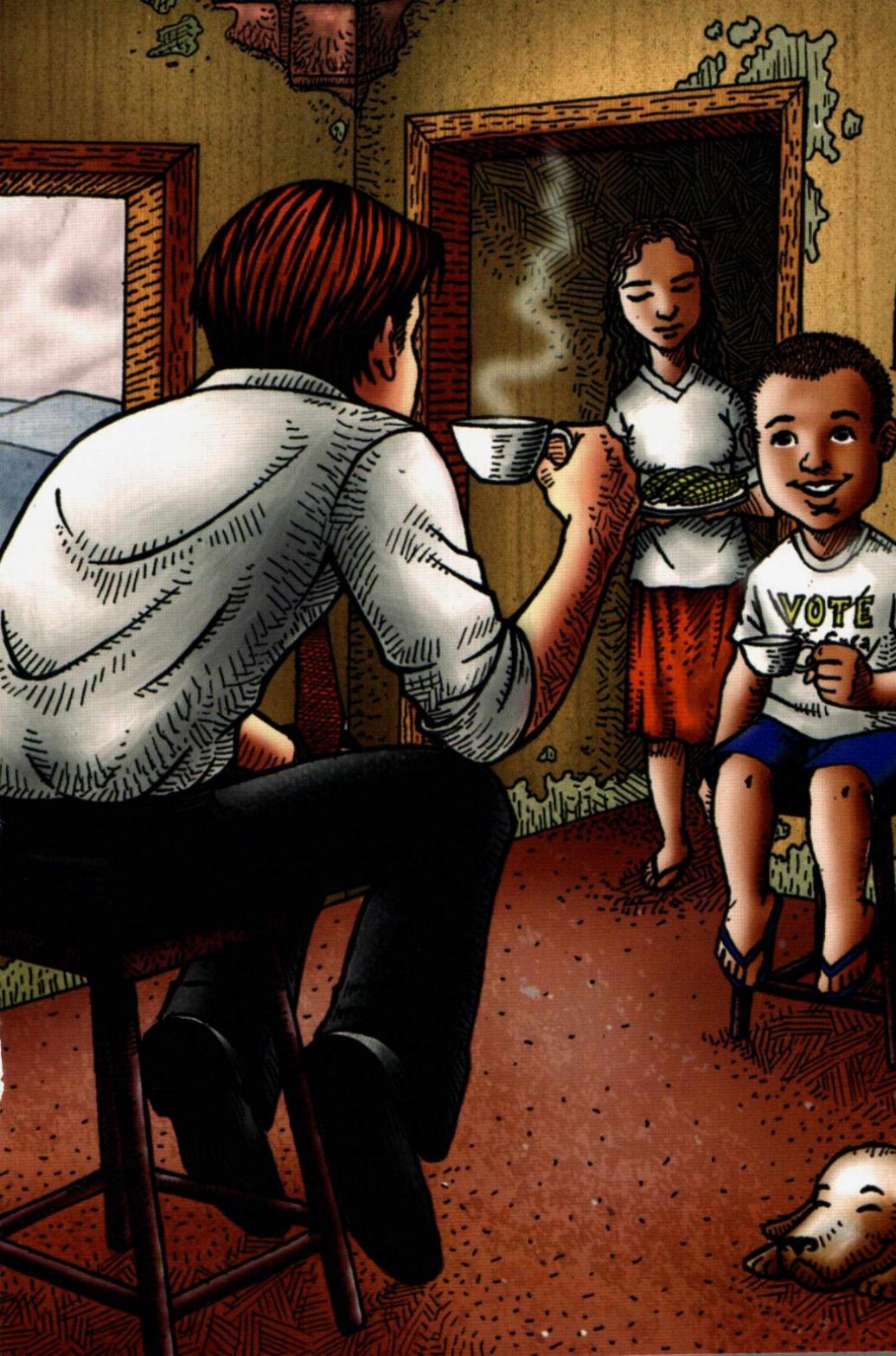
- João, quantos anos você tem?

- Dez!

- Você já acessou um computador?

- Êita seu *Estevan*! Computador já faz é tempo que tem aqui em Cabaceiras. Eu até já buli na internet. Mas isso tá lá pras bandas da casa de seu Gaudêncio. Ele tem na casa dele, a tal da LAN não sei o que. Só sei que ele deixa o caba bulir na internet, por um real.





- É lanhouse, João, o nome do lugar onde se aluga computador para acessar à internet...

Nossa conversa foi interrompida, porque a mãe de João da Silva nos trazia milho assado e um pouco de café.

- Pode comer seu caba. Foi eu mesmo que catei os milho hoje de manhã. – Ele me incentivava a comer o milho, **ostentando** seu sorriso infantil.

Comemos os milhos conversando alguns assuntos **fúteis** que não precisam ser narrados. Porém, era interessante a conversa com João da Silva. Ele provocava, em mim, os mais sinceros sorrisos. Eu já gostava da presença dele.

Aos meus olhos, João, era uma criança meiga e **notável!** - Ora! Assim como também era João D' Lucas. A diferença deste João seria talvez o uso da informalidade. - Ele estava em minha frente comendo o milho e eu o observava atentamente, os chinelos velhos e rasgados de numeração inferior aos seus pés. Estava vestido com uma camisa de um candidato político. Possuía um rosto **corado** e queimado pelo sol **tórrido** do cariri paraibano. Ele era a **réplica** daquele povo **fustigado** pela seca.

Descobri também, que atrás de sua total dedicação e colaboração para com a minha pesquisa, escondia-se um **caririzeiro** tímido. Aos poucos descobri esse João da Silva.

- João, quanto à escola? Não ouvi você falar que frequenta uma!

- *Homi* do céu! A escola eu vou quando dá para ir. Porque é perto da minha casa. Eu vou di pés, vissi! Mas eu gosto *mermo* é de estudar na escola que tem na casa de dona Nildinha.

- Dona “Nildinha” é a professora?

- É nada! O professor e seu Zequinha. Filho de dona Nildinha. Ele foi ganhar a vida lá pras bandas do Rio de Janeiro, e agora que voltou, ele ensina pra gente...

Mais tarde fiquei sabendo que seu Zequinha havia morado no Rio de Janeiro. Fora tentar vencer a vida trabalhando como servente de pedreiro e por lá se alfabetizou. Depois de ficar desempregado por três meses na cidade maravilhosa e de sentir saudades de sua terra, resolveu voltar para Cabaceiras. E assim, decidiu usar os poucos conhecimentos adquiridos para **lecionar**. A maioria dos alunos que iam se alfabetizar era da terceira idade e entre os poucos meninos que lá iam estava João da Silva.

- Seu *Estevan*!

João olhava para mim, com uma expressão **facial** de espanto e admiração. Como se algo inexplicável estivesse prestes a acontecer.

- Pia *mermo*! Começou a chover!

- Eu não te falei que iria chover João!

Notei que João da Silva estava enfeitiçado com a chuva **benevolente** que começava a cair sobre o **município** de Cabaceiras. Abaixando rapidamente, a sensação térmica que parecia estar na casa de 38°C.

Pelo estado emocional que João da Silva demonstrava, eu poderia narrar a sua visão da chuva neste livro, como a descoberta do pote de ouro que está no final do arco-íris. A chuva parecia ser bem-vinda para ele. Deixava-o feliz.

- Então João! Vamos falar sobre o que você faz quando chove?

- Depois! Agora eu vou aproveitar a chuva. – Ele me disse ao mesmo tempo em que corria na direção dela.

Não precisou perguntar mais nada a João da Silva sobre o que ele fazia nos dias de chuva. Como se fossem muitos os dias de chuva em sua vida!

Refugiei-me da chuva, embaixo do telhado da varandinha da casa de João. Enquanto o observava, ele aproveitava a chuva forte que caía. Percebi que havia uma calha no telhado da casa e

que tinha uma função importantíssima. Encher a cisterna feita no subsolo da varanda da casa. **Captar** água da chuva e armazenar na cisterna para depois serem utilizadas nos períodos de **estiagem**.

Eu me concentrava em observar João da Silva. Mas não poderia passar despercebida a felicidade que a chuva trazia para os habitantes da pequenina cidade de Cabaceiras. Como dizia João da Silva, “Painho” e “Mainha”, pareciam brincar na chuva com ele. Pois corriam de um lugar para outro, pra dá de beber aos animais do sítio e em outros casos, os proteger da chuva. João brincava com uma bola na chuva. Parecia, às vezes, nadar na água barrenta que empoçava no campo de futebol. Dava cambalhotas e piruetas. Sorria **lépido** a olhar para o céu chuvoso. Ele estava aproveitando ao máximo a chuva gostosa que caía.

Observei bem aquele menino e a chuva. A conclusão a que cheguei era que **ambos** se tornaram a mesma coisa. João da Silva e a chuva eram **homogêneos**.

- Chegi *homi*! Porque a chuva é igual a uma festa! Quando tem, a gente tem que aproveitar.

Mesmo estando de gravata, não **hesitei** em participar da “festa” como disse João da Silva. Pois, se eu queria compreender o que a chuva representava para ele, aquele era o momento ideal. Seria a oportunidade de entender o porquê de tanta felicidade. Por isso joguei bola com ele, nadei nas águas barrentas como faziam ele e os outros meninos, bebi água da chuva. Enfim, fiz tudo o que João da Silva fazia. Senti tudo o que João da Silva sentia. E juro que não me arrependi!

Quando dei conta de mim, já estava atrasado para voltar ao aeroporto de João Pessoa. Capital da Paraíba. Onde pegaria meu voo de retorno para casa.





A chuva ainda caía. Trazendo satisfação e alegria para João, seus parentes e para a maioria dos habitantes de Cabaceiras.

Antes de eu entrar no carro que me levaria até o aeroporto, João da Silva veio se despedir de mim.

- Seu caba! O senhor ainda quer que eu fale sobre a chuva?

Eu sabia que não havia mais nada a falar. Mesmo assim, eu ainda possuía uma pergunta. Tola talvez! Mas queria ouvir a resposta sair da boca de João da Silva.

- João, o quê a chuva representa para você?

- Esperança e vida! – Ele falou olhando para céu enquanto a chuva caía sobre o seu rosto. Era como se ele estivesse querendo **ênfase** a sua resposta. A **ênfase** e **significação** dada à resposta foi **verossímil!**

Desta forma João da Silva definiu o seu dia de chuva.

Naquele momento, lembrei-me do que havia dito João D' Lucas sobre a chuva, lá em Londrina.

“Então! O senhor não acha que deveria chover somente nos lugares onde fosse necessário?”.

Naquele dia em Londrina, achei esta frase um pouco egoísta e até de certo modo, **hipócrita**. Contudo, observando agora João da Silva brincar na chuva, levei a frase do outro João ao pé da letra. “Por que não chover mais onde precisa chover? Onde a chuva é bem-vinda?”.

Deixei para trás, Cabaceiras, em mais um de seus dias de alegria. Comparando-se até com uma festa, como enfatizou João da Silva, aquele dia de chuva!

No voo de retorno para casa, lembrei-me dos meninos. De duas crianças extremamente diferentes uma da outra. Mas com uma **coincidência peculiar**. O nome de batismo **adotado** como “João”. Um João de classe média-alta. Que detestava o seu dia de chuva. Para o outro João estava claro que o seu melhor dia,

Um dia de chuva em Cabaceiras

seria aquele em que a chuva teria a função de ser a **anfitriã** da festa.

Epílogo

São Paulo, 27 de Maio de 2009.

Horário: 09h19min.

Serei **racional** e breve na minha conclusão sobre a pesquisa que acabei de fazer com dois meninos de regiões, de classes-sociais e de **hábitos** diferentes, sobre um dia de chuva.

O que é **desprezado** por um, para outro é motivo de alegria, de **congraçamento**, de benção. Essa é a realização de um sonho para quem às vezes lhe falta tudo, até mesmo à compaixão da natureza.

A chuva ao cair pode ser vista de ângulos e observada de formas diferentes, particularmente, por pessoas diferentes de sentimentos e necessidades.

Então, **indago-lhe** caro leitor.

- Como é o seu dia de chuva? Você já pensou nisso? Não? Deveria! **Deduzo** que começará a pensar a partir de hoje.

Glossário

1. **Adentrar:** (Verbo transitivo direto) 1.Fazer entrar. 2.Penetrar em; entrar. (Verbo intransitivo.Verbo pronominal) 3.Penetrar, entrar.
2. **Adentrei:** (Pretérito perfeito do verbo **Adentrar**).
3. **Adotado:** (Particípio do verbo **Adotar**).
4. **Adotar:** (Verbo transitivo direto) 1.Optar ou decidir-se por; escolher. 2.Aceitar, acolher. 3.Pôr em prática. 4.Atribuir [a um filho de outrem] os direitos e o tratamento afetivo de filho próprio; perfilhar.
5. **Algaroba:** (Substantivo masculino) 1.Árvore da família das leguminosas; de fácil adaptação na região nordestina, por ser oriunda de clima quente. 2.Suas vargens trituradas são muito utilizada para ração animal.
6. **Alheio:** (Adjetivo) 1.Que não é nosso. 2.Estranho, estrangeiro. 3.Que nada tem que ver com o assunto de que se trata; impróprio. 4.Desatento, distraído, ausente, alheado. (Substantivo masculino) 5.Aquilo que não é nosso.
7. **Alternados:** (Adjetivo) 1.Diz-se de coisas que se alternam, ora uma, ora outra, sucessivamente. 2.Em que há revezamento. 3.Diz-se do que ocorre sucessivamente, a intervalos, uma vez sim, outra vez não.
8. **Ambos:** (Numeral) Um e outro; os dois.
9. **Anfitriã:** (Substantivo feminino de **Anfitrião**).
10. **Anfitrião:** (Substantivo masculino) 1.Aquele que recebe convivas.

11. **Aspecto:** (Substantivo masculino) 1.Aparência. 2.Feição, rosto, semblante, fisionomia. 3.Parte de uma superfície, vista de qualquer direção particular; ângulo.
12. **Bage:** Termo popular usado por alguns indivíduos da região do nordeste brasileiro, que tem o mesmo significado de **vargem**.
13. **Benevolente:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Que tem a fazer o bem. 2.Complacente, benigno.
14. **Caudal:** (Substantivo masculino. Substantivo feminino) 1.Torrente impetuosa. (Adjetivo de dois gêneros) 2.Caudaloso.
15. **Captar:** (Verbo transitivo direto) 1.Atrair e manter para si; granjear. 2.Colher nas nascentes [água corrente]. 3.Apreender, compreender. 4.Conseguir [empréstimo, recursos, etc.]. 5.Receber [emissão ou sinal de rádio ou audiovisual].
16. **Cariri²:** (Substantivo masculino) 1.*Bras. N.* Força; esforço. 2.*Bras. PB.* Variedade de caatinga com vegetação pouco áspera
17. **Caririseiro²:** (Adjetivo) *Bras. PB.* 1.De, ou pertencente ou relativo à região dos Cariris-Velhos. (Substantivo masculino) 2.O natural ou habitante dessa região.
18. **Ciclo:** (Substantivo masculino) 1.Período durante o qual se completa uma seqüência de eventos ou fenômenos. 2.Fase; período.
19. **Coerente:** (Adjetivo) 1.Que tem coerência. 2.Que tem nexos. 3.Lógico.
20. **Coincidência:** (Substantivo feminino) 1.Ato de coincidir. 2.Estado de duas coisas que ocorrem ao mesmo tempo. 3.Simultaneidade. 4.Acaso.
21. **Congraçamento:** (Substantivo masculino) 1. Ato ou efeito de **congraçar**(-se).

- 22. Congraçar:** (Verbo transitivo direto. Verbo transitivo direto e indireto) 1.Reconciliar; harmonizar: (Verbo intransitivo) 2.Procurar granjear as boas graças, a amizade, a simpatia. 3.Fazer, ou buscar a reconciliação; harmonizar. (Verbo pronominal) 4.Reatar as relações de amizade; fazer as pazes; harmonizar-se; reconciliar-se:
- 23. Constranger:** (Verbo transitivo direto) 1.Tolher a liberdade de; coagir. 2.Causar constrangimento a; embaraçar. (Verbo pronominal) 3.Experimentar constrangimento.
- 24. Constrangia:** (Pretérito imperfeito do verbo **Constranger**).
- 25. Corado:** (Adjetivo) 1.Que tem as faces vermelhas. 2.Que tomou cor mais escura pela ação do fogo [assado, fritura, etc.]; tostado.
- 26. Cotidiano:** (Adjetivo) 1.De todos os dias. 2.Que, ou aquilo que se faz ou sucede todos os dias.
- 27. Culto:** (Substantivo masculino) 1.Que se cultivou; cultivado. 2.Ilustrado, instruído, sabedor. 3.Civilizado. 4.Esmerado. 5.Forma pela qual se presta homenagem à divindade; liturgia. 6.A religião. 7.Cerimônia religiosa. 8.Veneração.
- 28. Deduzir:** (Verbo transitivo direto) 1.Chegar à conclusão; inferir; concluir. 2.Arrolar (fatos e argumentos). 3.Propor em juízo.
- 29. Deduzo:** (Verbo **Deduzir**).
- 30. Desmistificar:** (Verbo transitivo direto) 1.Livrar ou tirar da mistificação.
- 31. Descrição:** (Substantivo feminino) 1.Ato ou efeito de descrever. 2.Exposição falada ou escrita.
- 32. Desdém:** (Substantivo masculino) 1.Desprezo com orgulho. 2.Desprezo.

33. **Desdenhoso:** (Adjetivo) 1. Que tem ou em que há **desdém**.
34. **Desprezado:** (Verbo transitivo direto) 1. Ter ou sentir desprezo por. 2. Não fazer caso de. 3. Não levar em conta.
35. **Diversidades:** (Substantivo feminino. Plural) 1. Qualidade ou condição do que é diverso; diferença, dessemelhança. 2. Divergência, contradição (entre ideias, etc.). 3. Multiplicidade de coisas diversas; existência de seres ou entidades não idênticos, ou dessemelhantes.
36. **Dubiedade:** (Substantivo Feminino) 1. Qualidade de dúbio
37. **Dúbio:** (Adjetivo) 1. Duvidoso. 2. Indefinível; vago. 3. Hesitante; indeciso.
38. **Ecosistema:** (Substantivo masculino) 1. O conjunto formado pela comunidade e o meio ambiente: as relações que os seres vivos de uma comunidade estabelecem com os fatores ambientais, como, por ex., solo, ar, água, etc.
39. **Egoísta:** (Adjetivo de dois gêneros) 1. Que demonstra egoísmo. 2. Egocêntrico. (Substantivo de dois gêneros) 3. Pessoa egoísta.
40. **Ênfase:** (Substantivo feminino) 1. Modo afetado de se exprimir. 2. Relevô ou destaque especial.
41. **Enfatizar:** (Verbo transitivo direto) 1. Realçar, destacar. 2. Dar ênfase; salientar.
42. **Enredo:** (Substantivo masculino) 1. Ato ou efeito de enredar(-se). 2. Intriga, mexerico. 3. Conjunto dos incidentes que constituem a ação duma obra de ficção; argumento, entrecho, história, intriga, trama.
43. **Entranhas:** (Substantivo feminino. Plural) 1. O ventre materno. 2. Fig. Sentimento. 3. Profundidade.
44. **Epílogo:** (Substantivo masculino) 1. Remate, fecho. 2. Conclusão de uma obra literária. 3. O último ato ou cena de uma peça.

45. **Esbranquiçado:** (Adjetivo) 1.Um tanto branco, quase branco. 2.Sem cor, descorado.
46. **Esguio:** (Adjetivo) 1.Alto e magro: esguio. 2.Comprido e fino.
47. **Estiagem:** (Substantivo Feminino) 1.Tempo sereno ou seco em seguida a tempo chuvoso ou tempestuoso. 2.Falta ou cessação de chuva. 3.Abaixamento máximo da água em rios, fontes, etc.
48. **Explícita:** (Particípio feminino do adjetivo **Explícito**) 1.Claro, explicado. 2.Sem reservas ou restrições.
49. **Exterior:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Que está na parte de fora. 2.Relativo a nações estrangeiras; externo. (Substantivo masculino) 3.A parte externa. 4.Aspecto, aparência. 5.Estrangeiro.
50. **Facial:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Que pertence à face ou que tem relação com ela.
51. **Fustigado:** (Particípio do verbo **Fustigar**).
52. **Fustigar:** (Verbo transitivo direto) 1.Castigar, maltratar com varas. 2.Açoitar.
53. **Fúteis:** (Adjetivo de dois gêneros. Plural) 1.Sem valor, importância ou utilidade; insignificante, vão. 2.Que só se preocupa com coisas menos importantes, superficiais. 3.Próprio ou característico de pessoa fútil.
54. **Glossário:** (Substantivo masculino) 1.Vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura. 2.Vocabulário de um texto ou obra.
55. **Gurupi:** (Substantivo masculino) 1.Conviteiro. Intrometido.
56. **Hábitos:** (Substantivo masculino. Plural) 1.Disposição adquirida pela repetição frequente dum ato; uso, costume. 2.Roupagem de frade ou freira.

57. **Hesitar:** (Verbo intransitivo. Verbo transitivo indireto) 1.Estar ou ficar indeciso, perplexo. 2.Ter dúvidas. 3.Gaguejar; titubear.
58. **Hesitei:** (Pretérito perfeito do verbo **Hesitar**).
59. **Hipócrita:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Que tem, ou em que há hipocrisia. 2. Falso, fingido.
60. **Hipótese:** (Substantivo feminino) 1.V. *conjetura*. 2.Acontecimento incerto; eventualidade.
61. **Homogêneos:** (Adjetivo. Plural) 1.Que tem a mesma natureza, ou é do mesmo gênero que outro objeto. 2.Idêntico no seu todo. 3.Que consiste em partes ou elementos da mesma natureza: 4.Partes que não apresentam ou quase não apresentam diferenças.
62. **Ideologia:** (Substantivo feminino) 1.Sistema de idéias, crenças, comunicações religiosas ou políticas [que orientam as ações]. 2.Maneira de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo de pessoas.
63. **Indagar:** (Verbo transitivo direto) 1.Procurar saber; pesquisar, investigar, inquirir. 2.Perguntar, inquirir, interrogar.
64. **Indago:** (Verbo **Indagar**)
65. **Ingênuo:** (Adjetivo feminino) 1.Inocente, natural. 2.Em que não há artifício ou malícia. 3.Simples; puro. Pessoa ingênua, sincera, sem malícia.
66. **Instruída:** (Feminino do adjetivo **Instruído**) 1. Que tem instrução. 2. Ilustrado, culto, erudito. 3. Informado (sobre um assunto).
67. **Introdução:** (Substantivo feminino) 1.Ato ou efeito de introduzir. 2.Pequeno trecho que se antepõe à exposição temática de uma peça musical. 3.Parte inicial de um livro, localizada após o prefácio, onde se expõem o argumento,

os objetivos da obra e o modo de tratar o assunto; preliminares.

68. **Introspectivo:** (Adjetivo) 1.Relativo ou pertencente à introspecção. 2.Em que há introspecção.
69. **Inúmeras:** (Plural feminino do adjetivo **Inúmero**) V. *inumerável*.
70. **Lecionando:** (Gerúndio de **Lecionar**).
71. **Lecionar:** (Verbo transitivo direto) 1.Dar lições de. (Verbo intransitivo) 2.Exercer o magistério; dar aulas; ensinar.
72. **Lépido:** (Adjetivo) 1.Risonho. Alegre 2.Ligeiro, ágil.
73. **Migração:** (Substantivo feminino) 1.Passagem dum país para outro [diz-se de indivíduo, ou de povo] 2.Deslocamento periódico de certas espécies animais, ger. associado a mudanças de estação
74. **Município:** (Substantivo masculino) 1.Circunscrição territorial administrada nos seus próprios interesses por um prefeito, que executa as leis emanadas do corpo de vereadores eleitos pelo povo. 2.Cidade.
75. **Notável:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Digno de nota, atenção. 2.Que merece apreço ou louvor. 3.Que se destaca por seus méritos; eminente, ilustre. 4.Que é apreciável, considerável.
76. **Óbvio:** (Adjetivo) 1.Claro, manifesto, evidente.
77. **Ocultar:** (Verbo transitivo direto - Verbo transitivo direto e indireto) 1.Encobrir, esconder. 2.Não revelar. (Verbo pronominal. 4.Esconder-se.
78. **Ostentando:** (Particípio do verbo **Ostentar**).
79. **Ostentar:** (Verbo transitivo direto - Verbo intransitivo - Verbo pronominal) 1.Exibir com ostentação, mostrar com alarde. 2.Deixar ver, mostrar naturalmente. 3.Exibir, mostrar com orgulho.

80. **Palma:** Planta oriunda do Sertão Nordestino.
81. **Peculiar:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Especial, privativo. 2.Que é atributo particular duma pessoa ou coisa.
82. **Personalidade:** (Substantivo feminino) 1.Caráter essencial e exclusivo de uma pessoa. 2.Pessoa ilustre, importante, muito conhecida. 3.Organização integrada e dinâmica dos atributos físicos, mentais e morais do indivíduo.
83. **Perspicácia:** (Substantivo feminino) 1.Agudeza de espírito. 2.Sagacidade; argúcia.
84. **Prefácio:** (Substantivo masculino) 1.Discurso ou advertência que antecede obra escrita; prólogo, proêmio, preâmbulo, introdução.
85. **Premeditado:** (Adjetivo) 1.Que se premeditou.
86. **QI:** Abreviatura de quociente de inteligência.
87. **Racional:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Que usa da razão ou é capaz de usá-la [por oposição aos instintos, paixões, etc.]. 2.Que resulta do uso da razão: *método racional*. 3.Relativo a ou que exprime razão 4. Dotado da faculdade de raciocinar.
88. **Radiografei:** (Verbo **Radiografar**).
89. **Radiografar:** (Verbo transitivo direto) 1.Med. Registrar a imagem de (algo), por meio de radiografia. 2.Expedir (notícia) sob a forma de radiograma.
90. **Refugiar:** (Verbo pronominal) 1.Retirar-se [para um lugar seguro]. 2.Procurar refúgio; abrigar-se.
91. **Refugiei:** (Do verbo **Refugiar**).
92. **Réplica:** (Substantivo feminino) 1.Contestação, objeção, refutação. 2.Resposta a uma crítica. 3.Cópia de uma obra de arte.
93. **Robô:** (Substantivo masculino) 1.Mecanismo automático que realiza tarefas e movimentos humanos.

94. **Sagacidade:** (Substantivo feminino) 1.Qualidade ou procedimento de sagaz. 2.Agudeza ou sutileza de espírito; perspicácia. 3.Finura, manha, astúcia, malícia.
95. **Significação:** (Substantivo feminino) 1.O que as coisas querem dizer ou representam. 2.O sentido da palavra; significado.
96. **Silente:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Silencioso, silêncio.
97. **Sumário:** (Adjetivo) 1.Resumido, breve, sintético. 2.Realizado sem formalidades. (Substantivo masculino) 3.V. *resumo*. 4.Edit. Relação dos títulos das seções, partes ou capítulos de uma obra, na ordem em que se sucedem; índice.
98. **Tapioca:** (Substantivo feminino) 1.Comida típica da Região Nordeste, feita a partir da raiz da mandioca e recheada por coco ralado.
99. **Tórrido:** (Adjetivo) 1.Muito quente; ardente.
100. **Turvos:** (Adjetivo. Plural) 1. Não transparente; escuro, opaco. 2. Diz-se do dia ou céu encoberto; nublado. 3. Perturbado, agitado; confuso.
101. **Vago²:** (Adjetivo) 1.Não ocupado ou preenchido; disponível. 2.Desabitado.
102. **Vaidade:** (Substantivo feminino) 1.Qualidade do que é vão, instável ou de pouca duração. 2.Desejo imoderado e infundado de merecer a admiração dos outros. 3.Coisa vã, fútil, sem sentido.
103. **Veemência:** (Substantivo feminino) 1.Qualidade ou estado de veemente. 2.Impulso rápido no ânimo ou nas paixões; impetuosidade. 3. Grande energia; vigor. 4.Intensidade, atividade, vivacidade. 5.Eloquência comovente.
104. **Veladamente:** (Adjetivo) 1.De modo velado

- 105. Verossímil:** (Adjetivo de dois gêneros) 1.Semelhante à verdade. 2.Que parece verdadeiro; provável.
- 106. Vivência:** (Substantivo feminino) 1.O fato de ter vida, de viver; existência. 2. Experiência da vida. 3.O que se viveu. 4.Bras. N. Situação, modos ou hábitos de vida.
- 107. Vocabulário:** (Substantivo masculino) 1.Conjunto de palavras duma língua, ou de certo estágio dela, ou de qualquer campo de conhecimento ou atividade. 2.Lista de vocábulos de uma língua dispostos, ger., em ordem alfabética. 3.Dicionário sucinto.

Layout
150mmx210mm
Corpo gráfico
111mmx160mm